

## NARRATIVAS DAS MEMÓRIAS DOS MUNDOS DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DA INVISIBILIDADE AO DESTAQUE

Thais Ellen Romualdo de Oliveira<sup>1</sup>; Heloisa Maria Batista Moreira<sup>2</sup>; Luiz Carlos Santiago Lopes<sup>3</sup>, Shirlene Bemfica de Oliveira<sup>4</sup>;

1 Thais Ellen Romualdo de Oliveira, Bolsista (IC - IFMG), Curso de Graduação em Conservação e Restauo, IFMG Campus Ouro Preto, Ouro preto - MG; [thaisellen1999@gmail.com](mailto:thaisellen1999@gmail.com)

2 Heloisa Maria Batista Moreira, Curso Técnico Integrado em Administração, IFMG Campus - Ouro Preto, Ouro Preto – MG; [helo.mbmoreira@gmail.com](mailto:helo.mbmoreira@gmail.com)

3 Luiz Carlos Santiago Lopes: Técnico Administrativo, Setor de Comunicações – IFMG Campus Ouro Preto, Ouro Preto – MG [Luiz.lopes@ifmg.edu.br](mailto:Luiz.lopes@ifmg.edu.br)

4 Orientadora: Pesquisadora do IFMG - Campus Ouro Preto, Ouro Preto - MG [shirlene.o@ifmg.edu.br](mailto:shirlene.o@ifmg.edu.br)

### RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa “Programa de pesquisas narrativas: das memórias da aprendizagem e dos mundos do trabalho” que coleta histórias orais de servidores e servidoras para a colaboração com o Centro de Memória de um Instituto Federal. A investigação tem como epicentro as pessoas, suas histórias, relatos, memória, vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens do / no lócus do trabalho. As histórias orais são dinâmicas, pois em reciprocidade, permitem ao narrador revelar o lado factual e poético do que se sabe e propicia a quem ouve, interagir, aprender e a receber a sabedoria que emana da fonte das experiências tecidas durante o acontecimento (FERREIRA, 2012; THOMPSON, 1992). Neste estudo, a metodologia de coleta e análise de narrativas possibilita-nos observar algumas dimensões dos mundos do trabalho em que os entrevistados vivem e como os sentidos são construídos por eles em relação a sua vida e a sua profissão. Além disso, nessa pesquisa, a sistematização da memória institucional, é vista como uma ferramenta de comunicação, de fortalecimento da marca e de potencial para o aprimoramento do relacionamento das instituições com seus públicos e com a sociedade (OLIVEIRA, 2019). Para este recorte, serão apresentados os dados coletados no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) - Campus Ouro Preto por meio de entrevistas semiestruturadas e fotografias com uma Técnica Administrativa Educacional (TAE) da área de Gestão de Pessoas e cinco TAEs do Setor Gráfico. Os TAEs foram selecionados a partir de critérios previamente estabelecidos e as técnicas utilizadas para a captação das histórias de vida dos participantes foram a foto-elicitación, a entrevista semiestruturada e a entrevista narrativa. Do processo de análise, reflexão e síntese das histórias contadas pelos participantes foram identificadas imagens, regras e princípios da prática, que constituem o saber profissional dos TAEs e espelham como o profissional se percebe (WOLNIEWICZ, 2019). Os resultados apontam para uma ressignificação dos papéis desempenhados e atribuídos ao mundo do trabalho no contexto escolar e tornam explícitas as percepções, desejos e desafios sobre o processo de constituição dos Institutos Federais.

### INTRODUÇÃO:

As narrativas orais e escritas são histórias construídas em torno de pessoas: ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Ela traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992). Ao incluir versões não ditas, silenciadas e/ou esquecidas de grupos sociais marginalizados ou pouco ouvidos; as histórias orais e escritas privilegiam aquelas histórias, irreconhecíveis como história – que não nos falam de fatos, mas de acontecimentos; que não se constituem em documentos, mas em signos, que não nos apresentam argumentos, mas sentidos (PERES, 2011, p. 10). Falar sobre nossas histórias de vida, de experiências de aprendizagem, de experiência laboral e de ação no mundo podem tornar explícitas as vivências, impressões, sentimentos dos participantes em relação a sua vivência, o que fortalece o vínculo social e o sentimento de pertença no grupo.

Durante o processo narrativo, os falantes não guardam todas as nuances do processo vivido na memória, mas selecionam e consideram o que é significativo ou não mencionar, e o que resulta da relação estabelecida entre o espaço e o tempo da experiência. Desta forma, a história de cada um de nós contém a história de um tempo, dos grupos aos quais pertencemos e das pessoas com as quais nos relacionamos. Essas histórias podem nos servir para entender sobre os diferentes papéis que assumimos para constituir o contexto em que atuamos como pessoas, como aprendizes, como profissionais, etc. As coletas e análises das histórias orais e

escritas, enquanto metodologia de pesquisa, podem se constituir enquanto um processo sistemático e reconhecido como pesquisa narrativa, que é entendida como uma ferramenta metodológica que possibilita a compreensão da experiência humana (SAHAGOFF, 2015, p. 1). Neste estudo, a pesquisa narrativa enquanto metodologia de pesquisa sobre o locus do trabalho, permite compreender como os trabalhadores refletem sobre a experiência, como se relacionam com o ambiente de trabalho, além de auxiliar no fomento de posturas mais humanizadas e ética, pois ao interagir com as narrativas podemos nos colocar no lugar do outro aumentando nossa sensibilidade.

## **METODOLOGIA:**

Este estudo se constitui em uma pesquisa narrativa com análises qualitativas de base discursiva. Ele foi desenvolvido no Instituto Federal Minas Gerais com a participação de técnicos administrativos educacionais (TAEs) de diferentes setores, duas bolsistas de iniciação científica e a pesquisadora. Para este recorte, serão apresentados e discutidos os dados de uma TAE do setor de Gestão de Pessoas e cinco TAEs do setor Gráfico.

Este estudo tem como epicentro as narrativas de trabalhadores sobre seu local de atuação, sobre as condições pessoais apresentadas por meio dos sentimentos, emoções verbalizadas, metáforas, desejos, reações, estéticas e disposição moral. Por meio das análises das narrativas, segundo Sahagoff (2015, p. 4), a experiência pode se desenvolver a partir de outras experiências e essas experiências podem levar a outras experiências, pois “a experiência acontece narrativamente”. A investigação dessas narrativas se justifica, pois as condições sociais, atitudinais e emocionais dos servidores podem desvendar um processo de visibilidade e/ou invisibilidade que toca nas condições existenciais, e que podem exercer forças subjacentes e afetar as pessoas e os espaços de atuação do contexto dos indivíduos. Geralmente, as pesquisas narrativas dentro das escolas são focadas nos professores e alunos. Em uma busca simples em um mecanismo de busca de textos acadêmicos encontramos 3.880.000 estudos de base narrativa sobre os TAEs em seu contexto de trabalho. A mesma busca sobre pesquisas narrativas de professores e alunos trazem 24.100.000 artigos acadêmicos. Esta investigação é de grande importância para evidenciar as experiências desses servidores, orientar a prática e para contribuir para o processo de compreensão da construção da identidade profissional dos TAEs.

A investigação tem base qualitativa e são utilizados recursos para compreender as percepções e relações pessoais. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50), as análises qualitativas são descritivas, feitas de forma indutiva, têm foco no processo e no significado, com coleta de dados em ambiente natural. Os investigadores levam em consideração o contexto em que os participantes estão inseridos e suas características pessoais. Uma vantagem na utilização de análises qualitativas é a sua característica orgânica, como demonstrado por Nunan (1992, p. 80), pois, há interação entre perguntas/hipóteses e a coleta/interpretação dos dados. Davis (1995, p. 444), corrobora com Nunan (1992) e acrescenta que a partir desse processo cíclico de coleta de dados e análise, o estudo pode mudar de direção em termos das questões que estão sendo levantadas e das perspectivas teóricas trazidas para o estudo.

### **Pesquisa Narrativa**

A pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência humana (SAHAGOFF, 2015, p. 1). Segundo Clandinin e Connelly (2011), trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Para os autores, nesse tipo de pesquisa, as histórias orais e escritas são entendidas como formas e modos de vida que servem para interligar o processo de educação e de vivência. “As pessoas vivem histórias e ao contar essas histórias, elas se reafirmam, modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades”. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27).

De acordo com Sahagoff (2015), as pesquisas narrativas tratam de conceitos, tais como os relatos de experiência, a interação entre o pessoal e o social, a relação entre tempo e espaço, a subjetividade dos indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social (SAHAGOFF, 2015, p. 3). Para a autora, esse conjunto de termos forma um espaço tridimensional para a investigação narrativa, pois durante as narrativas, os falantes verbalizam suas experiências em sua vida particular e social, refletindo a relação espaço-temporal, os ambientes e os diferentes contextos onde se desenvolvem individualmente e profissionalmente, enfatizando seus sentimentos, emoções, desejos, reações, estéticas e disposições

morais. Nesse sentido, passado, presente e futuro implícito se fundem e coexistem na experiência inscrevendo marcas na memória, deixando efeitos e afetos.

O aporte teórico e metodológico das narrativas se justifica, pois segundo a autora, as condições sociais dos participantes podem desvendar processos de visibilidade e/ou invisibilidade que tocam nas condições existenciais, que podem exercer forças subjacentes e afetar as pessoas e os espaços de atuação do contexto dos indivíduos. Por meio das análises das narrativas, segundo Sahagoff (2015, p. 4), a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências, pois as experiências acontecem narrativamente.

#### Acontecimentos Discursivos

Uma forma de analisar as narrativas é a seleção de acontecimentos discursivos. O acontecimento é denominado por Pêcheux (2006) como um gesto de interpretação relacionado a memória discursiva que se situa no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Ele utiliza esse conceito para conseguir explicar a impossibilidade de delimitar por completo as variações semânticas de um discurso e identificar onde ocorrem as rupturas que o transformam a cada novo momento marcante da história ou da enunciação. A fala de um sujeito do discurso se dá justamente neste ponto de encontro entre estrutura vertical e estrutura horizontal, entre interdiscurso e intradiscurso. No uso discursivo, segundo Mendes et al. (2020, p. 184), a possibilidade de se repetir e re-significar um enunciado se deve a sua existência numa estrutura vertical, ou seja, numa estrutura que pode ser a formação discursiva que afeta o sujeito ou o interdiscurso. Num nível horizontal, há a estrutura do intradiscurso, que é a prática discursiva do sujeito, sua formulação imediata, é o ato de enunciar no presente.

Desta forma, enquanto a estrutura vertical garante a existência anterior do enunciado, a estrutura horizontal garante sua atualização, pois dá conta da formulação do enunciado na prática discursiva. Para os autores, a fala de um sujeito do discurso se dá justamente neste ponto de encontro entre estrutura vertical e estrutura horizontal, entre interdiscurso e intradiscurso. O intradiscurso se refere à formulação, às palavras em si, ou seja, à estrutura do discurso. Já o interdiscurso é a constituição do sentido do discurso (MENDES et al. (2020, p. 184).

Este ponto é o onde a memória e a atualidade se encontram, portanto, é o local do acontecimento. É ali onde o enunciado é repetido, atualizado, rememorado ou re-significado. E é ali que podemos traçar gestos de interpretação das condições de produção da narrativa, o contexto histórico no qual as memórias são verbalizadas, as características dos interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do referente, etc. Portanto, o “discurso narrativo aparece como lugar privilegiado para elaboração da experiência pessoal, para a transformação do real em realidade, por meio de mecanismos linguísticos discursivos, e também para a inserção da subjetividade (entendida aqui, do ponto de vista discursivo), como um lugar que o sujeito pode ocupar para falar de si próprio, de suas experiências, conhecimento do mundo, ou, mais sucintamente, entendida com a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular”. (TFOUNI, 2005, p. 73-74).

Pêcheux (2006) coloca o acontecimento discursivo como ruptura da memória que seria eternizada através do interdiscurso, da estrutura vertical. Ele nasce, segundo o autor, do choque da atualidade com a memória que não produz repetição, mas sim re-significação. Além disso, o acontecimento discursivo pode provocar uma nova possibilidade para o enunciado produzir outros significados, entretanto, ele não apaga os significados anteriores. Ele instaura uma relação tensa com a memória que tenta adequá-lo na ordem da repetibilidade e com o discurso novo, que precisa re-significá-lo. A seguir serão apresentados alguns gestos de interpretação das narrativas dos TAEs participantes.

#### RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os resultados a seguir trazem recortes das entrevistas semiestruturadas feitas entre 2021 e 2023, por meio da plataforma Google Meet, com uma servidora técnica administrativa que atua no setor de Gestão de Pessoas e presencialmente com cinco servidores do setor gráfico do campus. Os dados apresentados pelas narrativas demonstram, por meio de suas histórias, que eles afirmam, modificam, criam novas histórias e re-significam os papéis desempenhados e atribuídos aos seus mundos do trabalho no contexto investigado. Os excertos retirados das narrativas construída por eles trazem “sua presença, suas atividades, seus gostos e suas maneiras de agir e de ser” em seu ambiente laboral e trazem traços de sua relação com as pessoas, além dos desafios enfrentados (LE GOFF, 1990, p. 539-540). Para melhor apresentar os resultados,

organizamos e nomeamos os trechos em unidades de contexto ou acontecimentos discursivos que como resíduos da memória das histórias contadas pelos participantes, emergiram dimensões sociais que contribuíram e contribuem para a construção da identidade profissional do TAE.

#### Do fardo a auto-realização

A participante que atua no setor de Gestão de Pessoas, se define como uma mulher, na casa dos cinquenta anos com mais de trinta anos de trabalho na instituição e que se prepara para o processo de aposentadoria.

Excerto 1:

Paula: Há quanto tempo que você trabalha no IFMG e qual é a função que você exerce hoje o Instituto Federal?

Flora: Então eu comecei a trabalhar na antiga Escola Técnica, em dezembro de 1991, há muitos anos atrás e hoje eu trabalho na Gestão de Pessoas, no setor de gestão de pessoas e gerencio, coordeno o setor de Gestão de Pessoas.

Paula: Flora, quando você entrou ainda era Escola Técnica?

Flora: Escola Técnica, isso foi em 1991, era Escola Técnica, porque passou para CEFET em 2002.

Paula: Você passou por Escola Técnica. CEFET e o Instituto, né?

Flora: Isso, passei pelo três períodos.

Os participantes do setor gráfico enfatizam o tempo de experiência no Instituto e relacionam com seu processo de constituição familiar e de formação acadêmica e profissional.

Excerto 2:

Gino: Eu sou nascido na cidade de Santa Bárbara. Eu trabalho aqui há treze anos, eu sou Técnico em Artes Gráficas. Aqui o pessoal costuma me chamar de Gi. (...) Eu trabalho na área de serviços gráficos há mais de trinta anos. Eu trabalhava na iniciativa privada e surgiu a oportunidade de fazer o concurso aqui na Instituição, aí eu fiz o concurso e passei. Sou efetivo aqui na instituição há treze anos e gosto muito do que eu faço. Foi meu primeiro emprego e eu me apaixonei por essa atividade. Simplesmente eu acordo com a vontade de vir trabalhar e me sinto satisfeito e com a missão cumprida até aqui.

Excerto 3:

Vinicius: eu sou de Ouro Preto mesmo. Eu hoje sou casado, né, tenho dois filhos, sou avô de neto também, né! Tenho 59 anos, a maioria deles vivido aqui dentro do IFMG. Eu entrei aqui em 82 né? Eu vou fazer 41 anos de serviço em Janeiro e eu entrei aqui como servente na verdade. E depois minha função era pedreiro, aliás eu sou carpinteiro e como desvio de função eu hoje tô na gráfica.

Excerto 4:

Hercules: nasci em Santa Cruz do Calvário, Minas Gerais. E iniciei minha carreira profissional em 1980, hoje eu fiz quarenta e alguma coisa anos e formei o curso técnico em metalurgia aqui e depois fui fazer a graduação em processos gerenciais e depois fiz uma pós-graduação em planejamento estratégico. Minha função é assistente administrativo. Aqui é agradável, tem os colegas aí, que a gente brinca muito. Pra mim é gratificante, né, por ter vivido e passado vários anos aqui com o pessoal do setor.

Excerto 5:

Elias nascido em Mogi das Cruzes. Faço agora em dezembro Trinta e um anos que trabalho aqui. Entrei como vigilante, continuo como vigilante, mas, porém trabalho no setor gráfico e concursos. Eu não sou de Ouro Preto, né. Nasci em Mogi das Cruzes. Morei em Lafaiete até meus quatorze anos, depois fui morar em Lagoa Santa até meus dezoito anos e depois disso mudei para Ouro Preto. Vim estudar aqui, fiz meu curso técnico em Metalurgia aqui mesmo. Fiz o concurso em 91 e entrei como vigilante, e mais tarde eu fiz minha graduação em Administração Pública e a especialização em Gestão Pública. Olha, eu entrei aqui tem 31 anos, e o que me motiva é atender o público da melhor forma possível. Inclusive a gente trabalha sempre pensando em melhorar os equipamentos, que nosso caso é setor gráfico,

para atender melhor nossa comunidade que hoje é o aluno e a comunidade externa.

Excerto 6:

Lucas: sou natural de Mariana, Minas Gerais. Eu ingressei em 1993 e tô com a função de técnico em artes gráficas. Meu sentimento aqui é de gratidão, por ter passado aqui três vezes como estudante e por estar trabalhando. E pretendo me aposentar, mas com essas mudanças de 2019 ficou mais difícil a gente conseguir esse tempo para aposentar. Então o sentimento é de gratidão. Na verdade já tem bastante tempo aqui que convivo no hoje IFMG, mas que antigamente era chamado de Escola Técnica. Estudei aqui dois anos, mas não concluí o curso de mineração. Resolvi voltar, formei em 1990. Foi uma época difícil, porque quando o governo Collor começou houve a retenção dos recursos das empresas e etc e tal, e eu não consegui nada na área de minha formação. Aí retornei novamente para estudar, para fazer o curso técnico em Segurança do Trabalho. Aí apareceu a oportunidade para fazer o concurso, e aí eu ingressei em 1993 como já havia dito.

Os servidores apontam o espaço de trabalho em que atuam há mais de trinta anos, que marca as diferentes configurações da Educação Profissional: Escola Técnica, CEFET e Instituto Federal, como um lugar de desenvolvimento e evolução. Os enunciados sobre o trabalho são atravessados por experiências pessoais e profissionais anteriores, que apontam para uma retrospectiva e um conflito entre a função do labor com caráter negativo de sobrecarga, fardo e esgotamento e consecutivamente com experiências positivas que contribuíram para a reconstrução identitária, a auto-realização pessoal e profissional (RIBEIRO; LEDÁ, 2004). Além disso, o discurso é marcado pela ação, pela flexibilidade e pela “aptidão de mudar de posto de trabalho para aprender e para controlar diversos segmentos dos processos produtivos” (BENKO, 1999, p. 235),

O enunciados parecem nos informar que atuar nessa instituição nos remete há um tempo no passado em que o labor é descrito, contemplado, agraciado e marcado por uma divisória temporal e espacial do antes e depois do concurso para o atual IF; do antes e depois de trabalharem em seus setores atuais, do antes e depois do concurso. Além disso, eles também deixam claro após o concurso como servidores Federais lhe trouxeram muita satisfação e auto-realização pessoal e profissional.

Desafios: mudanças e conflitos

Flora menciona os desafios do setor de Gestão de pessoas e sua narrativa apresenta a resistência a mudanças por parte dos outros servidores e o conflito que vivencia em seguir a legislação e atender as demandas que lhe são apresentadas de forma acolhedora. No excerto 5 a seguir, ela narra o maior desafio:

Excerto 5

Flora: Eu acho que os desafios são as mudanças, a grande maioria das pessoas não estão satisfeitas, não estão preparadas para as mudanças, então qualquer mudança que você faz, geralmente ela é benéfica, né? Ela não é aceita no início, você custa quebrar o paradigma porque você quer mostrar para as pessoas que aquela alteração que você está fazendo naquele momento é para o benefício e geralmente é ligada a área de tecnologia da informação. (...) Por exemplo, as T.Is agora, causaram uma grande resistência. E assim as T.Is, elas facilitam muito a vida da gen-te, porque você tem acesso ao seu processo, de casa você consegue ver tudo que está acontecendo com o seu processo, você não precisa mais ir mais na GGP e pedir a pastinha do seu processo. E, no entanto, apesar dessa facilidade o povo teve resistência. Eu acho que tudo que é ligado à tecnologia e a mudança é um desafio para a gente superar isso.

Excerto 6

(...) E você solucionar os problemas da melhor forma possível, que os servidores entendam que aquilo que você está fazendo, que você não tá pretendendo prejudicar ele, que é a melhor forma de fazer e que às vezes você até prejudica o outro servidor, mas você tem uma legislação a seguir. Assim, justiça e legislação não andam juntas, que às vezes é uma coisa muito injusta, mas é legal. E você tem que seguir aquilo que é legal, porque seu CPF tá ali, porque a CGU está ali, então você tem que seguir a legislação mesmo que aquilo não beneficie o servidor.

No excerto 5, Flora nos apresenta o desafio em mostrar para o servidor que mudanças e quebra de paradigmas são necessários e que as mudanças não passam somente no nível individual, e sim em prol da  
XI Seminário de Iniciação Científica do IFMG – 22 a 24 de agosto de 2023, Planeta IFMG 2023.

coletividade. Ela nos apresenta uma prática que valoriza os vínculos construídos no afeto e as soluções permeiam o cuidado coletivo, pela cooperação e pelo diálogo. O acolhimento da Gestão de Pessoas, para Flora, no nosso entendimento, “não é um espaço ou um local”, mas posturas éticas que ela assume para a solução dos problemas por meio do “compartilhamento de saberes, angústias e invenções, tomando para si a responsabilidade de abrigar e agasalhar outrem em suas demandas” (Neves, 2016, p. 56-58).

E esse desafio gera um conflito subjetivo, mostrado no excerto 6, em que Flora quer atender as demandas dos servidores de forma ética e acolhedora, mas ao mesmo tempo responsável por ter que seguir uma legislação que nem sempre é justa aos olhos dos servidores. O encerramento da narrativa de Flora é marcado pelo sentimento de dever cumprido, zelo pelo trabalho e desejo de aprendizado. Ela relata aspectos positivos em toda sua trajetória profissional no Instituto Federal que é atravessado por desafios, como mostra o próximo trecho da narrativa. Os advérbios de modo e de intensidade estão presentes ao longo da narrativa demonstrando o gosto pelo trabalho que desempenhou no Instituto Federal que é descrito como o lugar de “muito aprendizado”, “o lugar do bem”, “do mais” e do “melhor”.

Excerto 7:

Flora: Meu sentimento, é o de dever cumprido, sabe? eu acho que me dediquei bem, trabalhei bem e poderia ter feito coisas melhores, que a gente nunca atinge o máximo da gente, poderia ter aprendido mais, né? Se eu tivesse passado por outros setores ainda poderia ter aprendido mais do que aprendi, mas para mim foi muito bom, eu não tenho o que reclamar, nesses três momentos de Escola Técnica, CEFET e IFMG, assim a gente passou por muita coisa difícil, mas para mim foi muito tranquilo, vou me aposentar com muita tranquilidade.

Os servidores do setor gráfico nos trazem um desejo de melhoria, um desabafo em relação a situação do local onde atuam e nos trazem um apelo por mudanças urgentes.

Excerto 8

Gino: Tínhamos mais autonomia. Acho que o principal desafio foi se acostumar a ser o Instituto, pois antes estava tudo resolvido aqui. Acho que esse foi o maior desafio. Antes trabalhávamos mais, a gente tinha mais funções e atribuições. A gente fazia trabalho para várias outras instituições, como exemplo para prefeitura de Ouro Preto a gente fazia trabalhos, já hoje não, não fazemos, a coisa ficou mais interna.

Excerto 9:

Vinicius: Antes a gente pegava quase o IFMG quase todo, e a gente fazia o serviço de quase todos eles. Aí, foi indo, diminuindo a gráfica, por falta de verba, porque o dinheiro não vinha. Ótimo, vocês estão fazendo um ótimo serviço, tá? Porque na verdade a gente está falando com vocês é um modo de desabafar, e tem que ter essa entrevista sim.

Excerto 10:

Hercules: Depois que passou para IFMG mudou muita coisa, as coisas ficaram muito dispersas, entendeu! Falta investimento aqui no campus, principalmente aqui no setor, que a gente vê que os equipamentos estão todos sucateados, e é muito triste estar no setor e presenciar isso. Houve mudança, né! Como o Elias comentou ali, a gente prestava muito serviço pra fora do campus, entendeu! E aí com a deterioração dos equipamentos aí foi acabando com esse procedimento. Foi diminuindo a demanda de trabalho.

Excerto 11:

Elias: No nosso caso aqui por exemplo é o investimento no setor gráfico, que na época da Escola Técnica nós tínhamos uma gráfica praticamente toda montada, com uma máquina offset e impressoras e tudo. Depois veio desmantelando o serviço, acabando com nosso trabalho, porque não houve investimento no setor gráfico durante o IFMG, até o CEFET tinha investimento, o pessoal comprovava equipamentos. No início da implantação do IFMG, o Carlos que era nosso reitor, ele investiu um pouco aqui na gráfica, ele comprou alguns maquinários e depois disso acabou. Como você pode ver, aqui nossa gráfica está sucateada. Quando virou

Instituto, nós passamos a atender todo Instituto, como Bambui, São João Evangelista, tudo né? Com o passar do tempo nós paramos de atender esses institutos, então nosso desafio de hoje é sobreviver a gráfica, porque ela está realmente parada, não está tendo investimento e a gente não tem como atender a comunidade externa. Aqui todo processo de vestibular que aconteceu no IFMG no início era tudo aqui, como provas, apostilas para o Pronatec, para o CEAD e hoje está praticamente parado, por falta de investimento mesmo. Meu sentimento (nessa entrevista) é que estou tentando desabafar um pouco o sentimento que a gente sente em relação a gráfica, ao nosso setor. Temos seis pessoas, que trabalham na área e estão disponíveis aqui para atender o público e essa falta do investimento do nosso setor. E que se essa pesquisa pode levar até o ouvido dos dirigentes, como reitores e pró-reitores e tudo, pra ver se eles se sensibilizam e realmente queiram investir aqui na escola.

Excerto 12:

Lucas

São as mudanças que vêm ocorrendo, que infelizmente a precariedade vem acontecendo de certo tempo pra cá. Eu posso afirmar que mudou a rotina, porque diminui bastante as peças que a gente fazia, então vários setores que a gente atendia. Praticamente a gente não atende mais por causa das mudanças. A chegada da internet também modificou muita coisa. E, a gente tem que adaptar, não tem como. As mudanças chegam e realmente a gente tem que se adaptar.

Os excertos nos trazem um alerta dos rumos das políticas públicas de desenvolvimento escolar. Se por um lado, esses servidores tiveram em suas histórias de vida e de trabalho o desenvolvimento crescente de suas possibilidades laborais dentro da instituição, ao mesmo tempo paralelamente houve um processo de desumanização. Para Marx (1988), o trabalho é que nos humaniza, pois ele conciliado à Educação se constitui como um processo cíclico e desenvolvimental, uma vez que sem o trabalho nossa espécie tende a desaparecer. Corroboramos Peres (2011), no sentido de que a aplicação da energia desses servidores para o desenvolvimento dessa instituição, se deu por meio de sua qualificação e modificação da própria natureza, e da própria história colocando-se a serviço de todos nós no instituto. No entanto, com a criação de novas formas sociais de trabalho com o desenvolvimento tecnológico, a diminuição dos recursos, áreas e culturas sociais sofreram também uma desumanização no processo de relação com o trabalho, com a qualificação para o trabalho gerando alienação, discriminação, exclusão, exploração, etc. E isso é demonstrado no “desabafo” feito por eles.

## **CONCLUSÕES:**

Essa primeira análise da trajetória de trabalho dos servidores da Instituição permitiu observar algumas dimensões dos mundos do trabalho e como os sentidos são construídos e re-significados por eles em relação a sua vida e a sua profissão. A produção de sentidos desencadeada pela reflexão sobre a trajetória de trabalho dos servidores parece ter favorecido para a tomada de consciência e ampliação de seu poder de ação sobre sua realidade. Esse processo pôde ser percebido por meio das conexões tecidas entre as atividades de trabalho e na apropriação e internalização das experiências vividas dentro de um contexto histórico-cultural. Além disso, este estudo valida a riqueza da pesquisa narrativa que proporciona aos participantes um contato com sua subjetividade e a reflexão sobre a atividade laboral num viés que considera questões de ética e de alteridade. Igualmente, a pesquisa narrativa se apresenta como um desafio ao pesquisador, aquele de estar conectado ao processo, envolvendo a ação de ouvir, respeitar e tecer gestos de interpretação das falas dos participantes, levando em consideração toda singularidade abarcada em cada história (FERREIRA, 2012).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BENKO, Georges. Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Tradutores: ALVAREZ, M. J. SANTOS, S. B. BAPTISTA, T. M. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa

qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

DAVIS, K. A. Qualitative Theory and Methods in Applied Linguistics Research. *Tesol Quartely*. v.9, n.3, Autumn, p. 427-453, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *HISTÓRIA E MEMÓRIA*. Tradução Bernardo Leitão (et al.). Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

MARX, Karl. *O Capital - crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MENDES, Conrado Moreira; SOUZA, Jocyare; SILVA, Sueli Maria Ramos da. A noção de acontecimento à luz da Análise do Discurso, da Semântica do Acontecimento e da Semiótica Tensiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p. 179-195, jan./abr. 2020.

NEVES, Gisele Baeta. Qualidade de vida no trabalho e o acolhimento como intervenção. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão em Educação, Programa de especialização em Administração Escolar) - Universidade Fernando Pessoa, Porto - Portugal, 2016. 120p.

NUNAN, D. *Research Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. Projeto submetido a Pró Reitoria de Extensão do IFMG para a construção do centro de memória institucional, 2019.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PERES, Angelo. O Homem, O Trabalho e o Mundo do Trabalho. *Administradores.com*. Julho de 2011. Disponível em: [https://administradores.com.br/artigos/o-homem-o-trabalho-e-o-mundo-do-trabalho\\_Acesso em 28/04/2019](https://administradores.com.br/artigos/o-homem-o-trabalho-e-o-mundo-do-trabalho_Acesso_em_28/04/2019).

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia: para compreender a experiência humana. *Anais... XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq*. Centro Universitário Ritter dos Reis. 19 a 23 de outubro de 2015.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. (Trad. Lólio Lourenço de Oliveira) 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLNIEWICZ, Eveline Boppré Besen. *A Construção da identidade profissional do técnico-administrativo em educação: saindo dos bastidores da Educação Profissional e Tecnológica* / Eveline Boppré Besen Wolniewicz; orientação de Nilo Otani; coorientação de Marimar da Silva. Florianópolis, SC, 2019. 240 p. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1142/Disserta%3%a7%20Eveline.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 14/06/2023.